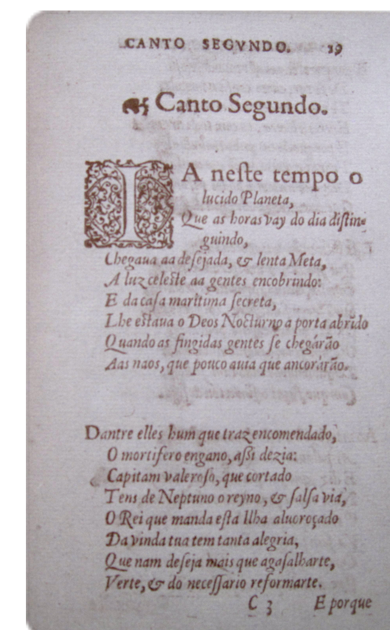


Canto Segundo





Canto Segundo.

IA neſte tempo o lucido Planeta,
Que as horas vay do dia diſtinguindo,
Chegaua aa deſejada, & lenta Meta,
A luz celeſte aa gentes encobrindo:
E da caſa maritima ſecreta,
Lhe eſtaua o Deos Nocturno a porta abrido
Quando as fingidas gentes ſe chegárão
Aas naos, que pouco auia que ancorárão.

Dantre elles hum que traz encomendado,
O mortifero engano, aſsi dezia:
Capitam valeroſo, que cortado
Tens de Neptuno o reyno, & ſalſa via,
O Rei que manda eſta Ilha aluoroçado
Da vinda tua tem tanta alegria,
Que nam deſeja mais que agaſalharte,
Verte, & do neceſſario reformarte.

C 3 E porque

Canto Segundo



1

Canto II

Já neste tempo o lúcido Planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava à desejada, e lenta Meta,
A luz celeste às gentes encobrindo;
E da casa marítima secreta,
Lhe estava o Deus Nocturno a porta abrindo,
Quando as fingidas gentes se chegaram
Às naus, que pouco havia que ancoraram.



2

Canto II

**Dentre eles um que traz encomendado,
O mortífero engano, assim dizia;
Capitão valoroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino, e salsa via,
O Rei que manda esta Ilha alvoroçado
Da vinda tua tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessário reformar-te.**



3

Canto II

E porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que de nada receoso,
Entres a barra, tu com toda armada;
E porque do caminho trabalhoso,
Trarás a gente débil, e cansada,
Diz que na terra podes reformá-la,
Que a natureza obriga a desejá-la.



4

Canto II

E se buscando vais mercadoria,
Que produz o aurífero Levante,
Canela, Cravo, ardente especiaria,
Ou Droga salutífera, e prestante;
Ou, se queres luzente pedraria,
O Rubi fino, o rígido diamante;
Daqui levarás tudo tão sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.



5

Canto II

Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do Rei agradecendo,
E diz, que porque o Sol no mar se esconde,
Não entra para dentro obedecendo,
Porém que como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo, a frota não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado.



6

Canto II

Pergunta-lhe depois, se estão na terra
Cristãos, como o Piloto lhe dizia,
O mensageiro astuto que não erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Cristo cria;
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita, e cauta fantasia;
Por onde o Capitão seguramente,
Se fia da infiel, e falsa gente.



7

Canto II

**E de alguns que trazia condenados,
Por culpas, e por feitos vergonhosos,
Porque pudessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos;
Manda dois mais sagazes, ensaiados,
Porque notem dos Mouros enganosos,
A Cidade, e poder, e porque vejam,
Os que Cristãos, que só tanto ver desejam.**



8

Canto II

**E por estes ao Rei presentes manda,
Porque a boa vontade que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa, e branda,
A qual bem ao contrário em tudo estava.
Já a companhia pérfida, e nefanda
Das naus se despedia, e o mar cortava,
Foram com gestos ledos, e fingidos,
Os dois da frota em terra recebidos.**



9

Canto II

E depois que ao Rei apresentaram,
Com o recado os presentes que traziam,
A cidade correram, e notaram
Muito menos daquilo que queriam,
Que os Mouros cautelosos se guardaram
De lhe mostrarem tudo o que pediam.
Que onde reina a malícia, está o receio
Que a faz imaginar no peito alheio.



10

Canto II

Mas aquele que sempre a mocidade,
Tem no rosto perpétua, e foi nascido
De duas mães; que urdia a falsidade,
Por ver o navegante destruído;
Estava numa casa da Cidade,
Com rosto humano, e hábito fingido,
Mostrando-se Cristão, e fabricava
Um altar sumptuoso que adorava.



Ali tinha em retrato afigurada
Do alto e Santo Espírito a pintura,
A cândida Pombinha debuxada,
Sobre a única Fénix Virgem pura,
A companhia santa está pintada,
Dos doze tão torvados na figura,
Como os que, só das línguas que caíram
De fogo, várias línguas referiram.



12

Canto II

Aqui os dois companheiros conduzidos,
Onde com este engano Baco estava,
Põem em terra os giolhos, e os sentidos
Naquele Deus, que o mundo governava.
Os cheiros excelentes produzidos
Na Panchaia odorífera queimava
O Thioneu, e assim por derradeiro
O falso Deus adora o Verdadeiro.



13

Canto II

**Aqui foram de noite agasalhados,
Com todo o bom, e honesto tratamento
Os dois Cristãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso, e santo fingimento;
Mas assim como os raios espalhados
Do Sol foram no mundo, e num momento,
Apareceu no rúbido Horizonte,
Da moça de Titão a roxa fronte.**



Tornam da terra os Mouros com o recado,
Do Rei, para que entrassem, e consigo
Os dois que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo.
E sendo o Português certificado,
De não haver receio de perigo.
E que gente de Cristo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria.



15

Canto II

Dizem-lhe os que mandou, que em terra viram,
Sacras aras, e sacerdote santo,
Que ali se agasalharam, e dormiram,
Enquanto a luz cobriu o escuro manto;
E que no Rei, e gentes não sentiram
Senão contentamento, e gosto tanto;
Que não podia certo haver suspeita
Numa mostra tão clara, e tão perfeita.



16

Canto II

**Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiam,
Que levemente um ânimo se fia
De mostras que tão certas pareciam;
A nau da gente pérfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam;
Alegres vinham todos, porque crêm
Que a presa desejada certa têm.**



17

Canto II

Na terra cautamente aparelhavam,
Armas, e munições, que como vissem
Que no Rio os navios ancoravam
Neles ousadamente se subissem;
E nesta traição determinavam,
Que os de Luso de todo destruíssem;
E que incautos pagassem deste jeito
O mal que em Moçambique tinham feito.



18

Canto II

As âncoras tenazes vão levando,
Com a náutica grita costumada,
Da proa as velas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalizada;
Mas a linda Ericina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande, e tão secreta,
Voa do céu ao mar como uma seta.



19

Canto II

**Convoca as alvas filhas de Nereu,
Com toda a mais cerúlea companhia,
Que porque no salgado mar nasceu,
Das águas o poder lhe obedecia.
E propondo-lhe a causa a que desceu,
Com todas juntamente se partia;
Para estorvar que a armada não chegasse,
Aonde para sempre se acabasse.**



20

Canto II

Já na água erguendo vão com grande pressa,
Com as argênteas caudas branca escuma,
Cloto com o peito corta, e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa,
Por cima da água crespa, em força suma.
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.



21

Canto II

**Nos ombros de um Tritão com gesto aceso,
Vai a linda Dione furiosa,
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo, com carga tão formosa.
Já chegam perto donde o vento teso
Enche as velas da frota belicosa.
Repartem-se, e rodeiam nesse instante
As naus ligeiras que iam por diante.**



22

Canto II

Põe-se a Deusa com outras em direito
Da proa capitaina, e ali fechando,
O caminho da barra, estão de jeito,
Que em vão assopra o vento, a vela inchando;
Põem no madeiro duro o brando peito,
Para detrás a forte nau forçando.
Outras em derredor levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.



23

Canto II

Quais para a cova as próvidas formigas,
Levando o peso grande acomodado,
As forças exercitam, de inimigas,
Do inimigo Inverno congelado;
Ali são seus trabalhos, e fadigas,
Ali mostram vigor nunca esperado.
Tais andavam as Ninfas estorvando
À gente Portuguesa o fim nefando.



24

Canto II

Torna para detrás a Nau forçada,
Apesar dos que leva, que gritando.
Mareiam velas, ferve a gente irada,
O leme a um bordo, e a outro atravessando,
O Mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
O estava um marítimo penedo,
Que de quebrar-lhe a Nau lhe mete medo.



25

Canto II

A celeuma medonha se alevanta,
No rude marinheiro que trabalha,
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem hórrida batalha;
Não sabem a razão de fúria tanta,
Não sabem nesta pressa quem lhe valha;
Cuidam que seus enganos são sabidos,
E que hão-de ser por isso aqui punidos.



26 **Canto II**

Ei-los subitamente se lançavam
A seus batéis velozes que traziam,
Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando na água a nado se acolhiam;
De um bordo e doutro súbito saltavam,
Que o medo os compelia do que viam.
Que antes querem ao mar aventurar-se
Que nas mãos inimigas entregar-se.



27

Canto II

Assim como em selvática alagoa
As rãs no tempo antigo Lícia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fora da água incautamente,
Daqui, e dali saltando, o charco soa,
Por fugir do perigo que se sente,
E acolhendo-se ao couto que conhecem,
Sós as cabeças na água lhe aparecem.



28

Canto II

Assim fogem os Mouros, e o Piloto,
Que ao perigo grande as naus guiara,
Crendo que seu engano estava noto,
Também foge saltando na água amara;
Mas por não darem no penedo imoto,
Onde percam a vida doce, e cara;
A âncora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto dela amaina.



29

Canto II

Vendo o Gama, atentado a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente,
O Piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente,
E vendo sem contraste, e sem braveza
Dos ventos, ou das águas sem corrente,
Que a Nau passar avante não podia,
Havendo-o por milagre assim dizia.



30

Canto II

O caso grande, estranho, e não cuidado,
O milagre claríssimo, e evidente,
O descoberto engano inopinado,
O pérfida inimiga, e falsa gente,
Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo sabiamente.
Se lá de cima a guarda soberana,
Não acudir à fraca força humana?



31

Canto II

**Bem nos mostra a divina providência,
Destes portos a pouca segurança,
Bem claro temos visto na aparência,
Que era enganada a nossa confiança;
Mas, pois saber humano, nem prudência
Enganos tão fingidos não alcança;
Ó tu guarda divina, tem cuidado
De quem sem ti não pode ser guardado.**



32

Canto II

E se te move tanto a piedade,
Desta mísera gente peregrina,
Que só por tua altíssima bondade,
Da gente a salvas, pérfida e maligna,
Nalgum porto seguro de verdade;
Conduzir-nos já agora determina,
Ou nos amostra a terra que buscamos,
Pois só por teu serviço navegamos.



33

Canto II

Ouviu-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dione, e comovida,
Dentre as Ninfas se vai, que saudosas
Ficaram desta súbita partida;
Já penetra as Estrelas luminosas,
Já na terceira Esfera recebida;
Avante passa, e lá no sexto céu,
Para onde estava o Padre se moveu.



34

Canto II

E como ia afrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as Estrelas, e o Céu, e o Ar vizinho
E tudo quanto a via namorava
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho
Uns espíritos vivos inspirava,
Com que os Pólos gelados acendia,
E tornava do Fogo a esfera fria.



35

Canto II

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada, e cara,
Se lhe apresenta assim como ao Troiano,
Na selva Ideia já se apresentara;
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeu, vendo Diana na água clara;
Nunca os famintos galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.



36

Canto II

Os crespos fios de ouro se esparziam
Pelo colo, que a neve escurecia,
Andando as lácteas tetas lhe tremiam,
Com quem Amor brincava, e não se via.
Da alva petrina flamas lhe saíam,
Onde o Menino as almas acendia.
Pelas lisas colunas lhe trepavam
Desejos, que como Era se enrolavam.



37

Canto II

Com um delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha é natural reparo,
Porém nem tudo esconde, nem descobre
O véu dos roxos lírios pouco avaro;
Mas, para que o desejo acenda, o dobre,
Lhe põe diante aquele objecto raro.
Já se sentem no céu, por toda a parte,
Ciúmes em Vulcano, Amor em Marte.



38

Canto II

E mostrando no angélico semblante,
Com o riso uma tristeza misturada,
Como dama que foi do incauto amante,
Em brincos amorosos mal tratada,
Que se queixa, e se ri, num mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada.
Desta arte a Deusa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre fala.



39

Canto II

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
Que para as cousas, que eu do peito amasse
Te achasse brando, afável, e amoroso.
Posto que a algum contrário lhe pesasse;
Mas pois que contra mim te vejo iroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse,
Faça-se como Baco determina,
Assentarei enfim que fui mofina.



40

Canto II

Este povo que é meu, por quem derramo,
As lágrimas que em vão caídas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo;
Por ele a ti rogando choro, e bramo,
E contra minha dita enfim pelejo.
Ora pois porque o amo é mal tratado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.



41

Canto II

Mas moura enfim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui; e nisto de mimosa
O rosto banha, em lágrimas ardentes,
Como com o orvalho fica a fresca rosa
Calada um pouco, como se entre os dentes
Lhe impedira a fala piedosa,
Torna a segui-la, e indo por diante,
Lhe atalha o poderoso, e grão Tonante.



42

Canto II

**E destas brandas mostras comovido,
Que moveram de um tigre o peito duro,
Com o vulto alegre, qual do Céu subido,
Torna sereno e claro o ar escuro.
As lágrimas lhe alimpa, e acendido
Na face a beija, e abraça o colo puro;
De modo que dali, se só se achara,
Outro novo Cupido se gerara.**



43

Canto II

E com o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços, e lágrimas aumenta,
Como menino da ama castigado,
Que quem no afaga o choro lhe acrescente,
Por lhe pôr em sossego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta.
Dos fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira enfim lhe está dizendo.



44

Canto II

Formosa filha minha não temais
Perigo algum, nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguém comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos;
Que eu vos prometo filha que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos.
Pelos ilustres feitos que esta gente,
Há-de fazer nas partes do Oriente.



45

Canto II

Que se o facundo Ulisses escapou,
De ser na Ogígia Ilha, eterno escravo;
E se Antenor os seios penetrou
Ilíricos, e a fonte de Timavo.
E se o piedoso Eneias navegou,
De Cila, e de Caríbdis o mar bravo.
Os vossos mores cousas atentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.



Fortalezas, cidades, e altos muros,
Por eles vereis filha edificados;
Os Turcos belacíssimos e duros,
Deles sempre vereis desbaratados.
Os Reis da Índia livres, e seguros,
Vereis ao Rei potente subjugados.
E por eles de tudo enfim senhores,
Serão dadas na terra leis melhores.



47

Canto II

**Vereis este, que agora pressuroso,
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremer dele Neptuno de medroso,
Sem vento suas águas encrespando.
O caso nunca visto, e milagroso,
Que trema, e ferva o Mar em calma estando
O gente forte, e de altos pensamentos,
Que também dela hão medo os Elementos.**



48

Canto II

**Vereis a terra, que a água lhe tolhia,
Que inda há-de ser um porto mui decente,
Em que vão descansar da longa via,
As naus que navegarem do Ocidente.
Toda esta costa enfim, que agora urdia,
O mortífero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.**



E vereis o Mar roxo tão famoso,
Tornar-se-lhe amarelo de enfiado;
Vereis de Ormuz o Reino poderoso,
Duas vezes tomado, e subjugado.
Ali vereis o Mouro furioso,
De suas mesmas setas traspassado.
Que quem vai contra os vossos, claro veja,
Que se resiste, contra si peleja.



50

Canto II

Vereis a inexpugnável Dio forte,
Que dois cercos terá, dos vossos sendo,
Ali se mostrará seu preço, e sorte,
Feitos de armas grandíssimos fazendo;
Invejoso vereis o grão Mavorte,
Do peito Lusitano, fero e horrendo.
Do Mouro ali verão que a voz extrema
Do falso Mahamede ao Céu blasfema.



**Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá depois a ser senhora,
De todo o Oriente, e sublimada
Com os triunfos da gente vencedora.
Ali, soberba altiva, e exalçada,
Ao Gentio que os Ídolos adora,
Duro freio porá, e a toda a terra,
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.**



**Vereis a fortaleza sustentar-se,
De Cananor, com pouca força e gente;
E vereis Calecu desbaratar-se,
Cidade populosa e tão potente.
E vereis em Cochim assinalar-se,
Tanto um peito soberbo, e insolente,
Que Cítara jamais cantou vitória,
Que assim mereça eterno nome, e glória.**



53

Canto II

**Nunca com Marte, instruto e furioso,
Se viu ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis Áctias guerras animoso,
O Capitão venceu Romano injusto,
Que dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactra Scítico, e robusto,
A vitória trazia, e presa rica,
Preso na Egípcia linda, e não pudica.**



54

Canto II

Como vereis o mar fervendo aceso,
Com os incêndios dos vossos pelejando,
Levando o Idololatra, e o Mouro preso,
De nações diferentes triunfando.
E sujeita a rica Áurea Chersoneso,
Até ao longico China navegando
E as Ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe a todo o Oceano obediente.



De modo filha minha, que de jeito,
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peito,
Do Gantico mar ao Gaditano,
Nem das Boreais ondas, ao Estreito,
Que mostrou o agravado Lusitano;
Posto que em todo o mundo, de afrontados
Ressuscitassem todos os passados.



Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia à terra, porque tenha
Um pacífico porto, e sossegado,
Para onde sem receio a frota venha.
E, para que em Mombaça, aventurado
O forte Capitão se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quieto repousasse.



57

Canto II

**Já pelo ar o Cyleneo voava,
Com as asas nos pés à terra desce,
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece;
Com esta, as tristes almas revocava
Do Inferno, e o vento lhe obedece.
Na cabeça o galero costumado,
E desta arte a Melinde foi chegado.**



58

Canto II

Consigo a Fama leva, por que diga,
Do Lusitano, o preço grande e raro,
Que o nome ilustre a um certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado e caro.
Desta arte vai fazendo a gente amiga,
Com o rumor famosíssimo, e perclaro.
Já Melinde em desejos arde todo,
De ver da gente forte o gesto e modo.



59

Canto II

**Dali para Mombaça logo parte,
Aonde as naus estavam temerosas,
Para que à gente mande que se aparte,
Da barra amiga, e terras suspeitosas;
Porque mui pouco vale esforço e arte
Contra infernais vontades enganosas;
Pouco vale coração, astúcia, e siso,
Se lá dos Céus não vem celeste aviso.**



Meio caminho a noite tinha andado,
E as Estrelas no Céu com a luz alheia,
Tinham o largo Mundo alumiado,
E só com o sono a gente se recreia.
O Capitão ilustre, já cansado,
De vigiar a noite que arreceia,
Breve repouso então aos olhos dava,
A outra gente a quartos vigiava.



61

Canto II

Quando Mercúrio em sonhos lhe aparece,
Dizendo, foge, foge Lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim, e extremo dano,
Foge, que o vento, e o Céu te favorece,
Sereno o tempo tens, e o Oceano,
E outro Rei mais amigo, noutra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te.



62

Canto II

Não tens aqui senão aparelhado,
O hospício que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado,
De cavalos a gente que hospedava;
As aras de Busiris infamado,
Onde os hóspedes tristes imolava,
Terás certas aqui, se muito esperas,
Foge das gentes pérfidas e feras.



63

Canto II

Vai-te ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade,
Lá quase junto donde o Sol ardendo,
Iguala o dia, e noite em quantidade;
Ali tua frota alegre recebendo
Um Rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria,
E para a Índia certa e sábia guia.



64

Canto II

Isto Mercúrio disse, e o sono leva
Ao Capitão, que com mui grande espanto,
Acorda, e vê ferida a escura treva,
De uma súbita luz, e raio santo;
E vendo claro quanto lhe releva,
Não se deter na terra iníqua tanto.
Com novo espírito ao mestre seu mandava,
Que as velas desse ao vento que assoprava.



65

Canto II

Dai velas, disse, dai ao largo vento,
Que o Céu nos favorece, e Deus o manda,
Que um mensageiro vi do claro assento
Que só em favor de nossos passos anda;
Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheiros, de uma e de outra banda
Levam gritando as âncoras acima
Mostrando a ruda força que se estima.



66

Canto II

Neste tempo, que as âncoras levavam,
Na sombra escura os Mouros escondidos,
Mansamente as amarras lhe cortavam,
Por serem, dando à costa, destruídos;
Mas com vista de Linces vigiavam,
Os Portugueses sempre apercebidos.
Eles como acordados os sentiram,
Voando, e não remando lhe fugiram.



67

Canto II

Mas já as agudas proas apartando
Iam as vias húmidas de argento,
Assopra-lhe galerno o vento, e brando,
Com suave e seguro movimento,
Nos perigos passados vão falando,
Que mal se perderão do pensamento,
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.



68

Canto II

Tinha uma volta dado o Sol ardente
E noutro começava, quando viram
Ao longe dois navios, brandamente
Com os ventos navegando, que respiram,
Porque haviam de ser da Maura gente,
Para eles arribando, as velas viram.
Um de temor do mal que arreceava,
Por se salvar a gente à costa dava.



Não é o outro que fica tão manhoso;
Mas nas mãos vai cair do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a fúria horrenda de Vulcano,
Que como fosse débil e medroso,
Da pouca gente o fraco peito humano;
Não teve resistência, e se a tivera
Mais dano resistindo recebera.



70 **Canto II**

E como o Gama muito desejasse,
Piloto para a Índia que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse;
Mas não lhe sucedeu como cuidava,
Que nenhum deles há que lhe ensinasse
A que parte dos Céus a Índia estava.
Porém dizem-lhe todos, que tem perto,
Melinde onde acharão Piloto certo.



**Louvam do Rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificência grande, e humanidade,
Com partes de grandíssimo respeito.
O Capitão o assela por verdade,
Porque já lhe dissera deste jeito,
Cyleneo em sonhos, e partia,
Para onde o sonho, e o Mouro lhe dizia.**



Era no tempo alegre quando entrava,
No roubador de Europa a luz Febea,
Quando um, e outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Almatéia;
A memória do dia renovava,
O pressuroso Sol, que o Céu rodeia.
Em que Aquele, a quem tudo está sujeito,
O selo pôs a quanto tinha feito.



73

Canto II

Quando chegava a frota àquela parte,
Onde o Reino Melinde já se via,
De toldos adornada, e leda de arte,
Que bem mostra estimar o Santo dia;
Treme a Bandeira, voa o Estandarte,
A cor purpúrea ao longe aparecia.
Soam os atambores e pandeiros,
E assim entravam ledos e guerreiros.



74

Canto II

Enche-se toda a praia Melindana,
Da gente que vem ver a leda armada,
Gente mais verdadeira, e mais humana,
Que toda a doutra terra atrás deixada.
Surge diante a frota Lusitana,
Pega no fundo a âncora pesada,
Mandam fora um dos Mouros que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.



75

Canto II

**O Rei que já sabia da nobreza
que tanto os Portugueses engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
quanto a gente fortíssima merece;
E com verdadeiro ânimo, e pureza,
Que os peitos generosos enobrece,
Lhe manda rogar muito que saíssem,
Para que de seus Reinos se servissem.**



76

Canto II

São oferecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres cavaleiros,
Que tanto mar e terras tem passadas;
Manda-lhe mais lanígeros carneiros,
E galinhas domésticas cevadas,
Com as frutas que então na terra havia,
E a vontade à dádiva excedia.



Recebe o Capitão alegremente
O mensageiro ledo, e seu recado,
E logo manda ao Rei outro presente,
que de longe trazia aparelhado;
Escarlata purpúrea, cor ardente,
O ramoso coral fino, e prezado.
que debaixo das águas mole cresce,
E como é fora delas se endurece.



78

Canto II

Manda mais um na prática elegante,
que com o Rei nobre as pazes concertasse,
E que de não sair naquele instante,
De suas naus em terra o desculpasse.
Partido assim o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse;
Com estilo que Palas lhe ensinava,
Estas palavras tais falando orava.



79

Canto II

Sublime Rei, a quem do Olimpo puro,
Foi da suma justiça concedido,
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos dele amado que temido,
Como porto mui forte, e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido;
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remédio certo que queremos.



80

Canto II

**Não somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro, e a fogo, as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas;
Mas, da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da Índia grande e rica, por mandado
De um Rei que temos, alto, e sublimado.**



81 **Canto II**

Que geração tão dura aí de gente?
Que bárbaro costume, e usança feia,
Que não vedem os portos, tão somente;
Mas ainda o hospício da deserta areia?
Que má tenção? que peito em nós se sente?
Que de tão pouca gente se arreceia.
Que, com laços armados tão fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruídos?



82

Canto II

Mas tu, em quem mui certo confiamos
Achar-se mais verdade, ó Rei benigno,
E aquela certa ajuda em ti esperamos,
Que teve o perdido Ítaco em Alcino;
A teu porto seguros navegamos,
Conduzidos do Intérprete divino;
Que pois a ti nos manda, está mui claro,
Que és de peito sincero, humano, e raro.



83

Canto II

E não cuides, ó Rei, que não saísse,
O nosso Capitão esclarecido
A ver-te, ou a servir-te, porque visse,
Ou suspeitasse em ti peito fingido;
Mas saberás que o fez porque cumprisse,
O regimento em tudo obedecido,
De seu Rei, que lhe manda que não saia,
Deixando a frota, em nenhum porto, ou praia.



84

Canto II

E porque é de vassalos, o exercício,
Que os membros têm, regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de Rei o ofício,
Que ninguém a seu Rei desobedeça;
Mas as mercês, e o grande benefício,
Que ora acha em ti, promete que conheça,
Em tudo aquilo que ele e os seus puderem,
Enquanto os rios para o mar correrem.



85

Canto II

Assim dizia, e todos juntamente,
Uns com outros em prática falando,
Louvavam muito o estômago da gente,
Que tantos céus e mares vai passando,
E o Rei ilustre, o peito obediente,
Dos Portugueses, na alma imaginando.
Tinha por valor grande, e mui subido,
O do Rei que é tão longe obedecido.



86

Canto II

E com risonha vista, e ledo aspeito,
Responde ao Embaixador, que tanto estima
Toda a suspeita má tirai do peito,
Nenhum frio temor em vós se imprima;
Que vosso preço, e obras são de jeito,
Para vos ter o mundo em muita estima.
E quem vos fez molesto tratamento,
Não pode ter subido pensamento.



87

Canto II

De não sair em terra toda a gente,
Por observar a usada preminência,
Ainda que me pese estranhamente,
Em muito tenho a muita obediência;
Mas se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirei que a excelência,
De peitos tão leais em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.



88

Canto II

Porém como a luz crastina chegada
Ao mundo for, em minhas almádias,
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo, há tantos dias.
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, e longas vias;
Aqui terá, de limpos pensamentos
Piloto, munições e mantimentos.



89

Canto II

Isto disse, e nas águas se escondia,
O filho de Latona, e o mensageiro,
Com a embaixada alegre se partia
Para a frota, no seu batel ligeiro;
Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remédio verdadeiro,
Para acharem a terra que buscavam,
E assim ledos a noite festejavam.



90

Canto II

Não faltam ali os raios de artifício,
Os trémulos Cometas imitando,
Fazem os Bombardeiros seu ofício;
O céu, a terra, e as ondas atroando.
Mostra-se dos Ciclopas o exercício,
Nas bombas que de fogo estão queimando,
Outros com vozes, com que o Céu feriam,
Instrumentos altíssonos tangiam.



**Respondem-lhe da terra juntamente,
Com o raio volteando, com zunido,
Anda em giros no ar a roda ardente,
Estoura o pó sulfúreo escondido;
A grita se alevanta ao céu, da gente,
O mar se via em fogos acendido;
E não menos a terra, e assim festeja
Um ao outro a maneira de peleja.**



92

Canto II

**Mas já o Céu inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho,
E já a mãe de Menon a luz trazendo,
Ao sono longo punha certo atalho;
Iam-se as sombras lentas desfazendo,
Sobre as flores da terra, em frio orvalho,
Quando o Rei Melindano se embarcava,
A ver a frota que no mar estava.**



93

Canto II

Viam-se em derredor ferver as praias
Da gente, que a ver só concorre leda,
Luzem da fina púrpura as cabaias,
Lustram os panos da tecida seda;
Em lugar das guerreiras azagaias.
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lua, trazem ramos de Palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira.



94

Canto II

Um batel grande e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas cores,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres e seu Reino, e de senhores;
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes e primores.
Na cabeça uma fota guarnecida,
De ouro, e de seda, e de algodão tecida.



95

Canto II

Cabaia de Damasco rico, e digno,
Da Tíria cor, entre eles estimada,
Um colar ao pescoço de ouro fino,
Onde a matéria da obra é superada,
Com um resplendor reluz Adamantino,
Na cinta, a rica adaga, bem lavrada.
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro, e aljôfar ao veludo.



96

Canto II

Com um redondo amparo alto de seda,
Numa alta e dourada astea enxerido,
Um ministro à solar quentura veda,
Que não ofenda e queime o Rei subido;
Música traz na proa, estranha e leda,
De áspero som, horríssono ao ouvido;
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo.



97

Canto II

Não menos guarnecido o Lusitano,
Nos seus batéis da frota se partia,
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e lograda companhia;
Vestido o Gama vem ao modo Hispano,
Mas Francesa era a roupa que vestia,
De cetim da Adriática Veneza,
Carmesim, cor, que a gente tanto preza.



De botões douro as mangas vêm tomadas,
Onde o Sol reluzindo a vista cega;
As calças soldadescas recamadas,
Do metal que Fortuna a tantos nega,
E com pontas do mesmo delicadas,
Os golpes do gibão ajunta e achega;
Ao Itálico modo a áurea espada,
Pluma na gorra, um pouco declinada.



Nos de sua companhia se mostrava
Da tinta que dá o Múrice excelente,
A vária cor, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo diferente;
Tal o formoso esmalte se notava,
Dos vestidos, olhados juntamente;
Qual aparece o arco rutilante,
Da bela Ninfa filha de Thaumante.



Sonorosas trombetas incitavam,
Os ânimos alegres ressoando,
Dos Mouros os batéis o Mar coalhavam,
Os toldos pelas águas arrojando;
As bombardas horríssonas bramavam,
Com as nuvens de fumo o Sol tomando,
Amiúdam-se os brados acendidos,
Tapam com as mãos os Mouros os ouvidos.



Já no batel entrou do Capitão
O Rei, que nos seus braços o levava,
Ele com a cortesia, que a razão
(Por ser Rei) requeria, lhe falava.
Com umas mostras de espanto, e admiração
O Mouro o gesto, e o modo lhe notava,
Como quem em mui grande estima tinha
Gente que de tão longe à Índia vinha.



102

Canto II

**E com grandes palavras lhe oferece,
Tudo o que de seus Reinos lhe cumprisse,
E que se mantimento lhe falece,
Como se próprio fosse lho pedisse;
Diz-lhe mais que, por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse.
Que já ouviu dizer, que noutra terra
Com gente de sua lei tivesse guerra.**



103

Canto II

E como por toda África se soa,
Lhe diz, os grandes feitos que fizeram,
Quando nela ganharam a coroa
Do Reino, onde as Hespéridas viveram;
E com muitas palavras apregoa,
O menos que os de Luso mereceram;
E o mais que pela fama o Rei sabia;
Mas desta sorte o Gama respondia.



104 **Canto II**

Ó tu que só tiveste piedade
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miséria, e adversidade,
Dos mares experimenta a fúria insana,
Aquela alta, e divina eternidade,
Que o Céu revolve, e rege a gente humana;
Pois que de ti tais obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.



105

Canto II

**Tu só de todos quantos queima Apolo,
Nos recebes em paz do Mar profundo
Em ti, dos ventos hórridos de Eolo,
Refúgio achamos bom, fido e jucundo;
Enquanto apascentar o largo Pólo,
As Estrelas, e o Sol der lume ao Mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e glória
Viverão teus louvores em memória.**



Isto dizendo, os barcos vão remando,
Para a frota, que o Mouro ver deseja,
Vão as naus, uma e uma rodeando,
Porque de todas tudo note, e veja;
Mas para o Céu Vulcano fuzilando,
A frota com as bombardas o festeja,
E as trombetas canoras lhe tangiam,
Com os anafis os Mouros respondiam.



107

Canto II

Mas depois de ser tudo já notado,
Do generoso Mouro, que pasmava,
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava,
Mandava estar quieto, e ancorado,
Na água o batel ligeiro que as levava,
Por falar devagar com o forte Gama,
Nas cousas de que tem notícia, e fama.



108 **Canto II**

Em práticas o Mouro diferentes,
Se deleitava, perguntando agora,
Pelas guerras famosas e excelentes,
Com o povo havidas, que a Mafoma adora;
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hispheria última, onde mora;
Agora pelos povos seus vizinhos,
Agora pelos húmidos caminhos.



109

Canto II

Mas antes valoroso Capitão,
Nos conta, lhe dizia, diligente,
Da terra tua o clima, e região,
Do mundo onde morais distintamente,
E assim de vossa antiga geração,
E o princípio do Reino tão potente;
Com os sucessos das guerras do começo,
Que sem sabê-las, sei que são de preço.



110

Canto II

E assim também nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o Mar irado,
Vendo os costumes bárbaros alheios,
Que a nossa África ruda tem criado.
Conta; que agora vêm com os áureos freios,
Os cavalos que o carro marchetado,
Do novo Sol, da fria Aurora trazem,
O Vento dorme, o mar e as ondas jazem.



111

Canto II

E não menos com o tempo se parece,
O desejo de ouvir-te o que contares,
Que quem há, que por fama não conhece
As obras Portuguesas singulares;
Não tanto desviado resplandece,
De nós o claro Sol, para julgares.
Que os Melindanos têm tão rudo peito,
Que não estimem muito um grande feito.



Cometeram soberbos os Gigantes,
Com guerra vã, o Olimpo claro, e puro,
Tentou Peritho, e Theseu, de ignorantes,
O Reino de Plutão, horrendo e escuro,
Se houve feitos no mundo tão possantes,
Não menos é trabalho ilustre, e duro
Quanto foi cometer Inferno, e Céu,
Que outrem cometa a fúria de Nereu.



113

Canto II

Queimou o sagrado templo de Diana,
Do subtil Tesifónio fabricado,
Heróstrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo, e nomeado;
Se também com tais obras nos engana,
O desejo de um nome avantajado,
Mais razão há que queira eterna glória
Quem faz obras tão dignas de memória.